

O início da cominhada

Por Fernando Moura

A primeira edição da Revista de Engenharia de Televisão, hoje **Revista da SET**, foi publicada no Rio de Janeiro, no mês de Setembro de 1989. Nesse momento, a Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão (SET) tinha como presidente a Adilson Pontes Malta, e como Primeiro vice a Miguel Cipolla Júnior. A Diretora responsável pela publicação foi Heloísa Helena de Melo Sant'Anna e o seu vice-diretor, José Manuel F. Mariño, ambos da Rede Globo.

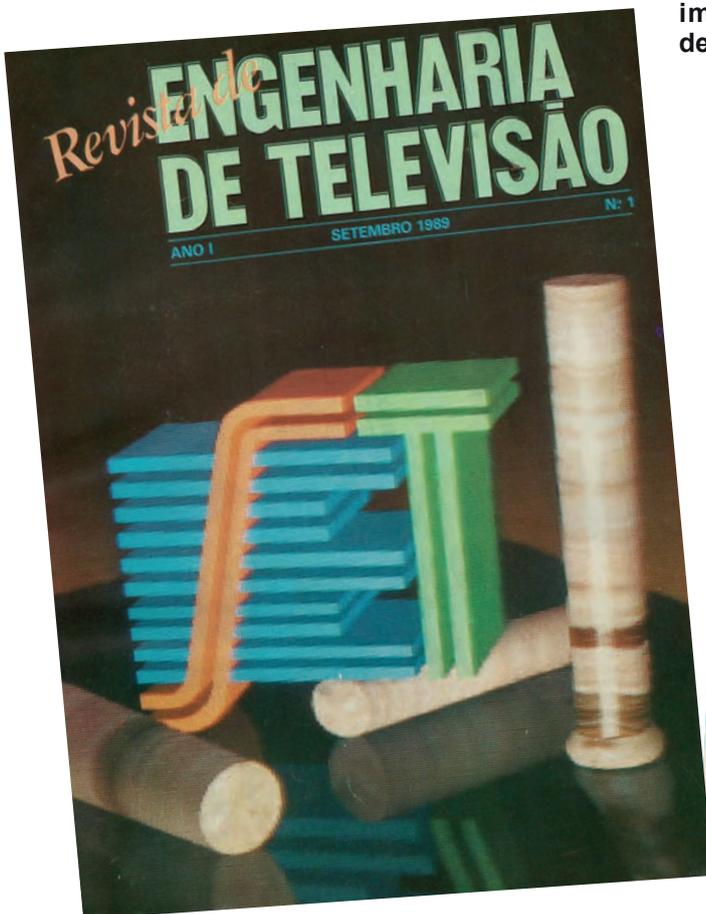
No editorial, Pontes Malta afirmou que a Revista seria o *“mecanismo básico para disseminar as ideias e consolidar os trabalhos da nossa Sociedade”* e pediu aos associados a sua colaboração para *“tornar este veículo de comunicação um dos mais conceituados e úteis do mercado. Para isto, estamos estruturados para receber contribuições baseadas em estudos técnicos, projetos ou mesmo simples ideias”*.

Nessa revista, como se vê na capa Silvio Mendonça explica a *“Elaboração do modelo tridimensional do logotipo da SET”* que nas suas palavras, *“foi confeccionado em um sistema de modelagem, onde um objeto é representado através de primitivas geométricas, normalmente chamadas polígonos”*.

Nessa edição, aparece um artigo visionário de José Manuel Mariño, que mais tarde seria o editor da Revista. Nele o engenheiro avança para o que estaria por vir. Com o título: **“Digital Video Workstation. Um novo conceito em pós-produção”** explica como as estações computadorizadas podem ajudar, se avança sobre processadores, *frame store* e periféricos. Nas conclusões, Mariño afirma que *“como no domínio digital não há perda de qualidade devido a múltiplas gerações, é possível trabalhar o efeito um nível o camada de cada vez no Workstation, até se atingir o objetivo desejado (...) Observamos que a edição de vídeo está cada vez mais se aproximando do modelo original de edição desenvolvido para a indústria do cinema, onde efeitos especiais são clips adicionados ao final já editado”*.

Na segunda edição, de dezembro de 1989, Heloisa Sant'Anna e José Manuel F. Mariño assinam um editorial na página três que parece futurologia. Em *“ponto de vista”*, eles afirmam que na **“engenharia de televisão, temos todo um vasto campo a explorar: computação gráfica, televisão de alta definição, vídeo interativo, inteligência artificial, fibras óticas, filtros adaptativos digitais, dispositivos de transmissão/recepção de sinais via satélite e ainda muitos outros. O futuro imediato nos reserva um encontro inadiável, definitivo, com essas tecnologias”**.

1989



Nossa Revista da SET continua fiel aos princípios e objetivos traçados na sua criação

Em setembro de 2021, exatamente 32 anos após o lançamento, a atual reportagem da Revista da SET entrevistou um dos responsáveis pelo projeto, José Manuel F. Mariño, sócio fundador da SET. Ele foi vice-diretor até a 4ª edição, e diretor entre a 5ª e 12ª, isto é de setembro de 1989 até junho de 1992.

Revista da SET (Rset): Lembra como surgiu a ideia da Revista? Quais os principais objetivos no início?

José Manuel F. Mariño (JMM): A ideia da revista surgiu de modo naturalmente, com a proposta de ser uma poderosa ferramenta para difusão de conhecimento entre os associados, divulgando assuntos e temas de interesse da comunidade de engenharia de televisão, o que naturalmente incluía a comunicação de atividades e eventos da própria SET, servindo como canal oficial de comunicação com os seus associados. Ela seria uma fonte de consulta e de inspiração para os associados, uma revista feita por associados para associados, sem qualquer tipo de viés, compartilhando ideias e soluções, e abarcando tanto temas de pesquisa e desenvolvimento quanto aqueles com um enfoque mais prático e operacional. Nosso público alvo era bem diversificado, e queríamos que a revista também refletisse isso.

Rset: Na parte editorial quais os principais desafios de lançar uma revista?

JMM: Um deles era encontrar colaboradores. Nesta etapa inicial, ainda não tínhamos na SET uma estrutura formal para encarar esta empreitada, com repórteres, redação etc. Todos éramos voluntários, e todo mundo tem sempre mil coisas para fazer. Mas escrever um artigo para a Revista da Sociedade demanda separar um tempo, redigir o texto, revisar, adicionar ilustrações. E temos um deadline... O outro desafio foi montar uma equação que nos permitisse bancar os custos com a produção e distribuição das revistas - queríamos o melhor, revista a 4 cores, papel couché matte... - o que conseguimos com a venda de anúncios e também com a criação dos "sponsors". Isto foi importante, pois a proposta era de que os custos com a produção da revista não deveriam impactar o orçamento da sociedade.

Rset: Uma vez decidido que ia ter revista, lembra como foi definida a pauta editorial da primeira e as subsequentes?

JMM: Assumimos a diretriz de que a pauta seria baseada



José Manuel F. Mariño e Marcia Sanches em um evento organizado pela SET
Foto: Arquivo pessoal

nos assuntos que estavam quentes no momento. E naquele momento, no final da década de 1980, havia uma profusão de temas de grande impacto para a indústria de televisão. Posso citar como exemplos a iminente digitalização de toda a cadeia de produção de televisão; os enormes avanços, tanto em termos de hardware quanto software, nos campos da computação gráfica e das plataformas de pós-produção; a competição entre distintos formatos para se tornar o padrão de produção mundial para a alta definição, o HDTV; dentre outros. Logo, assunto não faltava, e creio que seguimos assim até hoje, neste segmento da indústria tão intimamente ligado à evolução tecnológica. Me recordo, por exemplo, que fizemos uma entrevista com o David Niles, que havia

aberto em 1987, em Nova York (USA), uma produtora de programas em HDTV chamada 1125 Productions, e que representava o estado da arte do uso desta tecnologia naquele momento. Havia muito interesse no tema do HDTV, que dava os seus primeiros passos, e que todos viam como a evolução natural para as produções em vídeo e em película. Cobrimos também eventos nacionais de grande porte que faziam uso de novas tecnologias como, por exemplo, os desfiles de Carnaval do Grupo Especial no Rio, que estavam usando transmissão de áudio digital multicanal e controle automático de delay para as caixas de PA. A ideia era sempre explorar assuntos que mostrassem o uso de soluções inovadoras, nas várias etapas de produção e difusão de conteúdos de TV.

Rset: O nome da Revista era "Revista Engenharia de Televisão" ou como o Adilson Malta (nesse momento Presidente da SET) define "Revista de Engenharia da SET"?

JMM: O objetivo era difundir conhecimento, mas com um viés inclusivo, que atendesse a todos no segmento de televisão, passando pelo estagiário, pelo técnico de nível médio, pelo engenheiro, pelo dono da empresa... Queríamos uma leitura objetiva e que mostrasse para onde a indústria estava indo, seus impactos, e como estas tecnologias e produtos poderiam ser usados por aqui, no nosso mercado brasileiro, adaptados à nossa realidade.

Rset: No editorial Nº 1, Malta afirma "A nossa Revista depende da sua participação" Como foi a reação dos sócios e das emissoras ante a Revista?

JMM: A reação foi extremamente positiva, tivemos colaborações de muitos sócios, e as redes se tornaram sponsors da revista.

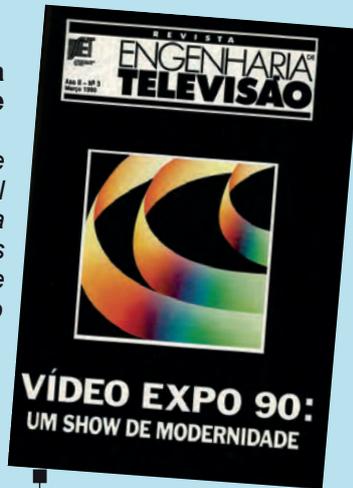
Rset: No momento, pelo que sei trabalhava na Globo, quais os principais desafios da engenharia de TV nesse momento? Poderia apontá-los?

JMM: Posso listar alguns dos desafios da engenharia de TV no Brasil de que me recordo, naqueles tempos de final dos anos 1980 e início dos anos 1990, mas sem a pretensão de afirmar que eram os principais. Diferentes pessoas poderão ter diferentes visões. Vale ressaltar que estes são desafios da engenharia de TV em geral, e não especificamente da Globo:

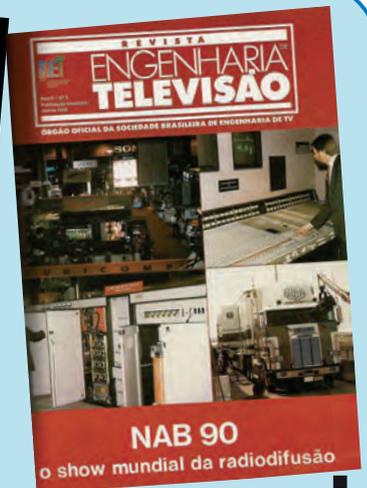
(i) a migração do padrão de produção de programas e comerciais, baseado em sinais de vídeo e áudio analógicos, para o novo padrão de vídeo e áudio digitais, baseado no formato CCIR-601; (ii) a implantação da plataforma e da infraestrutura para originação e distribuição de programação de TV a cabo, para todo o território nacional; (iii) a criação de soluções tecnológicas que permitissem a cobertura de grandes eventos ao vivo – entretenimento e esportivos - em exteriores, com qualidade e confiabilidade; (iv) a busca por equipamentos mais leves e portáteis para captação de jornalismo eletrônico, tanto gravado quanto ao vivo; (v) a implantação de soluções baseadas em automação para processos complexos, tais como gestão de redações de jornalismo, gestão de roteiros de exibição de comerciais e programas; (vi) a implantação de recursos de computação gráfica para gerar inovação e diferenciação nas produções.

RSet: José Manuel, 32 anos depois, a primeira edição foi em Setembro de 1989, quais as principais lembranças daquela época?

JMM: Acostumados que estamos hoje com a internet, com sua onipresença e facilidade de acesso a partir de diversos tipos de dispositivos, e também com a facilidade com que pesquisamos e acessamos informação – está apenas a um “Google” e um click de distância - é divertido olhar 32 anos para trás. Naquela época, computadores pessoais eram muito caros e escassos. Nas empresas, reinavam os mainframes da IBM, Burroughs, Fujitsu. Não havia internet da forma como a conhecemos hoje. Era linha discada, modem de 64kbps, e nada de Wi-Fi, nada de browser, nada de Google. O quente, naquele momento, era ter um fax! Aquele que tinha um laptop era considerado um yuppie (risos), geralmente acompanhado do Rolex e da caneta Montblanc. Não havia celulares, só o bom e velho telefone de fio. Ou seja, quem nos lê deve estar imaginando que estávamos na era das cavernas... O primeiro ensaio que fizemos para a diagramação da revista foi feito em papel mesmo, uma “boneca” analógica (risos), para estudarmos tipos e tamanhos de letra para títulos, subtítulos, corpo das matérias, quantidade de colunas, etc... Somente mais adiante é que passamos a contar com os serviços de uma empresa que tinha recur-



Reprodução edição 49 – Jan/Fev/Março 2000



Reprodução edição 51 – Junho/Julho 2000

sos de diagramação eletrônica, onde podíamos ver o resultado diretamente na tela e fazer alterações. Foi um divisor de águas. Outro grande momento foi quando passamos a contar com o apoio de uma jornalista responsável, a Márcia Sanches, que está na foto. Com sua experiência e talento, ela tornou muito mais fácil o meu trabalho, permitindo que mantivesse meu foco na busca por conteúdo de qualidade para a revista. Foi um prazer muito grande trabalhar com ela na revista, aprendi muito.

Rset: Poderia fazer um balanço da sua gestão na Revista?

JMM: Cobrimos temas relevantes para os associados e conquistamos credibilidade, que se traduziu em anunciantes, que por sua vez contribuíram para tornar a revista autossustentável. Criamos também uma estrutura profissional para cuidar da produção da revista, buscando sempre otimizar prazos, processos e qualidade.

Rset: A Revista chegou a edição 200, o que isso representa para o José Manuel?

JMM: É com sentimento de orgulho e alegria que vejo a contínua evolução da nossa Revista da SET, que chega agora à sua edição de número 200, fiel aos princípios e objetivos traçados quando de sua criação. Ao longo destes 32 anos de existência, o conceito de televisão se expandiu, e hoje cobre todas as formas de distribuição de conteúdos de vídeo, pelo ar, pelo cabo, streaming. Mais do que nunca, conhecimento e informação são vitais, e a cuidadosa seleção, edição e curadoria dos temas cobertos pela equipe responsável pela revista garantem que ela continue como instrumento relevante para os nossos associados, contribuindo para a sua formação e também auxiliando na tomada de decisão. Quero felicita-los pelo excelente trabalho que tem produzido, disponibilizando a revista em todos os meios possíveis, tanto físico quanto on-line. Vida longa à SET e à sua revista.